

## Malhação – Seu Lugar no Mundo: A discussão sobre HIV/Aids na mídia atual<sup>1</sup>

Marília de Almeida e Almeida<sup>2</sup>  
Claudomilson Fernandes Braga<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás (UFG)

### Resumo

A presente pesquisa busca analisar a discussão sobre Aids na mídia atual a partir do exemplo da websérie *Eu só quero amar*, originada da temporada *Seu Lugar no Mundo* da telenovela *Malhação*, exibida pela TV Globo desde agosto de 2015. A websérie tem como enfoque principal as dúvidas e as descobertas de um casal sorodiscordante formado pelos personagens Henrique e Camila, também presentes na novela que origina a série. Defende-se que a mídia tem a capacidade de agendar a discussão de assuntos na sociedade a partir do momento em que os aborda em seus produtos. Por isso, a websérie representa uma forma de conscientização dos adolescentes, público-alvo da produção, sobre questões relacionadas ao HIV/Aids, tais como prevenção, tratamento e preconceito.

**Palavras-chave:** Aids, mídia, preconceito.

### Introdução

Desde as primeiras publicações impressas até as mais recentes mídias digitais, os meios de comunicação têm participado tanto da representação quanto da construção da realidade social. Diante da impossibilidade de que uma pessoa seja testemunha da ocorrência de todos os acontecimentos que são relevantes para a sua vida, como uma decisão do Congresso Nacional, a mídia tem uma função cada vez mais indispensável para a sociedade.

Desta forma, a publicação de uma notícia sobre determinado fato é precedida pela seleção, disposição e interpretação deste e de outros fatos. O jornalista, na função de editor ou repórter, isto é, o *gatekeeper*, determina qual fato tem maior relevância para o público e por isso merece maior ou menor espaço em sua publicação, seleciona as fontes a serem ouvidas, os pontos de vista e todas as demais estratégias de construção de uma notícia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação – PPGCOM, da Faculdade de Informação e Comunicação – FIC da Universidade Federal de Goiás – UFG. Bolsista Fapeg. Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing (UFG) e graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo (UFG).

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação pela UFG. Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Estágio Pós-doutoral pela PUC Goiás. Professor Adjunto da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG.

Por sua vez, o que é notícia na imprensa é potencialmente pauta de discussão na sociedade. É o que defendem os estudiosos da hipótese do *agenda setting*. “É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá” (BARROS FILHO, 1995, p. 169). Embora não se possa afirmar que a comunicação interpessoal é inteiramente baseada no que noticiam as mídias, é inegável o poder de influência destas nas conversas cotidianas.

Também chamada de Teoria dos Efeitos a Longo Prazo, a hipótese do *agenda setting* faz parte dos estudos norte-americanos sobre os meios de comunicação de massa a partir dos anos 1920. A Teoria dos Efeitos a Longo Prazo se contrapõe a pesquisas anteriores, também norte-americanas, como a Teoria Hipodérmica, que defendia que as mensagens difundidas pelos meios de comunicação provocam efeitos diretos, sem interferências, nos receptores, que seriam passivos.

A partir dos anos 1960, com a aproximação a outras correntes norte-americanas e europeias que pesquisam os meios de comunicação de massa, os estudos neste sentido evoluíram na compreensão do receptor como um sujeito ativo, inserido em determinados contextos, atravessado por diferentes interferências, não somente da mídia. Os efeitos provocados pelos meios de comunicação de massa nos receptores não seriam perceptíveis em curto ou médio prazo; os efeitos acontecem a longo prazo.

Trata-se de uma construção teórica que pensa a ação dos meios não como formadores de opinião, causadores de efeitos diretos, mas como alteradores da estrutura cognitiva das pessoas. É o modo de cada indivíduo conhecer o mundo que é modificado a partir da ação dos meios de comunicação de massa – ação esta que passa a ser compreendida como um “agendamento”, isto é, a colocação de temas e assuntos na sociedade. Ao mesmo tempo, essa corrente substitui a ideia de efeitos imediatos por efeitos que se espalham num período maior de tempo. (ARAÚJO, 2001, p. 129)

Como aponta WOLF (2001), os estudiosos da hipótese do *agenda setting* compreenderam que os meios de comunicação não determinam, mas influenciam no modo como o receptor irá organizar sua visão acerca do mundo social. Segundo o autor, citando Shaw, uma das principais ideias do *agenda setting* é que a compreensão que as pessoas têm da realidade é fornecida, em grande parte, pelos meios de comunicação de massa.

Entretanto, é necessário considerar que essa compreensão é construída com base em predisposições dos receptores, ou seja, suas crenças, o contexto no qual está inserido etc.

A hipótese do agenda-*setting* defende que os *mass media* são eficazes na construção da imagem da realidade que o sujeito vem estruturando. «Essa imagem – que é simplesmente uma metáfora que representa a totalidade da informação sobre o mundo que cada indivíduo tratou, organizou e acumulou – pode ser pensada como um *standard* em relação ao qual a nova informação é confrontada para lhe conferir o seu significado. Esse *standard* inclui o quadro de referência e as necessidades, crenças e expectativas que influenciam aquilo que o destinatário retira de uma situação comunicativa» (Roberts, 1972, 366). Neste quadro, por conseguinte, a formação da agenda do público vem a ser o resultado de algo muito mais complexo do que a «mera» estruturação de uma ordem do dia de temas e problemas por parte do *mass media*. (WOLF, 2001, p. 153)

Embora parte significativa das pesquisas relacionadas à hipótese do *agenda setting* sejam relacionadas à política e tenham como foco a atividade da imprensa, defende-se neste trabalho que a referida hipótese pode ser aplicada também ao estudo de outros produtos midiáticos em relação ao agendamento de outras temáticas. Especialmente no contexto atual, com o surgimento de novas plataformas de difusão de conteúdos e a eliminação da figura de um receptor que assume papel único no processo de comunicação, é preciso considerar a atualização da Teoria dos Efeitos a Longo Prazo. O agendamento não ocorre somente por parte da imprensa, mas da mídia de modo geral, que seleciona, organiza e divulga assuntos que são, em potencial, temas de debate na sociedade.

Fixar agenda é fixar o calendário dos acontecimentos, é dizer o que é importante e o que não é, é chamar a atenção sobre um certo problema, é destacar um assunto mesmo que se trate de uma piada, é criar o clima no qual será recebida a informação. É fixar não só o que vai ser discutido, mas como e por quem. (BARROS FILHO, 1995, p. 173).

## O agendamento da Aids na mídia

Com a notificação dos primeiros casos de Aids<sup>4</sup>, em 1981, nos Estados Unidos, a mídia iniciou automaticamente a cobertura sobre a nova doença, ainda que nem mesmo a

---

<sup>4</sup> Ocorrência de tipos raros de câncer e pneumonia entre homens, a maioria homossexuais, em Los Angeles, São Francisco e Nova York, nos Estados Unidos, alertaram para o possível surgimento de uma nova doença.

comunidade científica soubesse exatamente qual era seu agente causador ou as formas de transmissão. De acordo com FAUSTO NETO (1999), a função da mídia é estratégica na construção da inteligibilidade da Aids. Para ele, a doença só é conhecida devido aos “protocolos discursivos e enunciativos” (FAUSTO NETO, 1999, p. 24) realizados pela mídia.

No Brasil, em especial, a nova doença começou a ser abordada pela imprensa, que repercutia as notícias internacionais, antes mesmo que os primeiros casos fossem oficialmente notificados. A primeira notícia publicada no mundo sobre Aids foi do jornal norte-americano *The New York Times*, em julho de 1981, com o título “Câncer raro é encontrado em 41 homossexuais” (tradução livre). No Brasil, a primeira notícia foi publicada pelo *Jornal do Brasil*, também em julho de 1981, sendo que o primeiro caso só seria notificado em 1982 (TARDELLI, 2013).

Em sintonia e/ou tensão com outros campos, as mídias realizam, segundo “constrangimento” de outras culturas, mas por causa de sua própria maneira de operar, o processo de nomeação da AIDS, dando-lhe existência e instituindo pistas e/ou senhas, através das quais possamos apreender a complexidade desse fenômeno. É, pois, nessa esfera dos enquadramentos discursivos midiáticos – mais ou menos atravessados por enquadramentos de experiências discursivas de outros campos – que nos é possível saber o que é a Aids, ou seja, integrar a Aids em nossa experiência. (FAUSTO NETO, 1999, p. 145)

Noticiar a Aids, entretanto, não é como noticiar qualquer outra doença de potencial epidêmico. A Aids é permeada por diversos simbolismos que a tornam um tabu para grande parte da sociedade. Por ser sexualmente transmissível, a doença levanta questionamentos – e certamente preconceitos – sobre a sexualidade, especialmente quando considerada desviante, como a homossexualidade, a prostituição, a promiscuidade. A Aids está atrelada também à ideia de morte, mas uma morte carregada de estigmas, sofrimento e isolamento. Assim, ao fazer o agendamento da Aids na sociedade, a mídia agenda também a discussão de outros temas, como o ato sexual, a homossexualidade, a prostituição, o preconceito, a discriminação, a morte, entre outros.

A mídia – não somente a imprensa, mas a mídia em geral – participou e ainda participa da construção da imagem da Aids no imaginário social, contribuindo para a representação – ora positiva, ora negativa – da doença e de seus simbolismos. Além dos

jornais, outros produtos midiáticos contribuíram para a formação da representação da doença, como campanhas publicitárias, telenovelas e séries televisivas.

Em 1987, a novela *Corpo Santo*<sup>5</sup>, exibida pela Rede Manchete às 21h30, retratava a história de Marina, uma prostituta com Aids. Na época, a atriz Eliene Narduchi, que interpretava Marina, sofreu preconceito nas ruas por ter aceitado o papel. Já em 1991, a Rede Globo exibiu *O Portador*, com direção de Herval Rossano. Composta por oito capítulos e exibida às 21h, a minissérie tinha como personagem principal Léo<sup>6</sup>, um homem homossexual que havia contraído o vírus HIV durante uma transfusão de sangue após um acidente aéreo e procurava descobrir quem o havia contaminado.

Em 1997, a novela *Zazá*, às 19h, trazia a personagem Jaqueline<sup>7</sup>, uma mulher homossexual que havia sido contaminada pelo vírus HIV durante uma transfusão sanguínea e que se casa com Solano<sup>8</sup>. A relação serve como pano de fundo para a discussão sobre a prevenção contra a contaminação pelo vírus HIV e o preconceito enfrentado pelas Pessoas Vivendo com HIV/Aids. É importante destacar a participação da atriz Sandra Bréa no último capítulo da novela. Soropositiva, a atriz estava afastada da televisão e retornou às telenovelas em uma participação no lançamento do livro da personagem Jaqueline<sup>9</sup>.

Em 1999, a novela *Malhação*, exibida pela Rede Globo no período vespertino, agendou mais uma vez a discussão da Aids, desta vez entre adolescentes, público-alvo da produção. Na trama, Érica<sup>10</sup> é contaminada pelo vírus HIV durante uma relação sexual com um rapaz com quem passou uma noite após uma briga com seu namorado. A discussão da temática na novela teve ampla repercussão, especialmente entre os jovens, mas também recebeu elogios do então ministro da Saúde, José Serra<sup>11</sup>. A personagem, que era considerada como uma vilã na trama, despertou a sensibilidade e empatia do público após descobrir ser soropositiva. Posteriormente, outras novelas também abordaram a Aids, como *Vidas em Jogo*<sup>12</sup> e *Amor à Vida*<sup>13</sup>.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://redemanchete.net/artigos/artigo.asp?id=94&t=Corpo-Santo---A-Primeira-Novela-a-abordar-a-AIDS>> Acesso em 10 de julho de 2016.

<sup>6</sup> Interpretado pelo ator Jayme Periard.

<sup>7</sup> Interpretada pela atriz Adriana Londoño.

<sup>8</sup> Interpretado pelo ator Alexandre Borges.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/zaza/acoes-socioeducativas.htm>> Acesso em 10 de julho de 2016.

<sup>10</sup> Interpretada pela atriz Samara Felippo.

<sup>11</sup> Disponível em: <[http://www.terra.com.br/istoegente/71/reportagem/rep\\_samara\\_felippo.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/71/reportagem/rep_samara_felippo.htm)> Acesso em 10 de julho de 2016.

<sup>12</sup> Telenovela exibida em 2011 pela Rede Record.

<sup>13</sup> Telenovela exibida em 2013 pela Rede Globo.

É notório que não apenas a imprensa como os demais produtos midiáticos são capazes de realizar o agendamento de assuntos na sociedade. Talvez, a depender do contexto, seja possível afirmar que telenovelas ou programas de entretenimento tenham talvez maior poder de agendamento do que a imprensa tradicional devido à forma como a temática é abordada por ser um produto de entretenimento e não apenas informativo. As telenovelas, em especial, desde o seu surgimento têm a capacidade de levantar discussões na sociedade, promovendo, inclusive, verdadeiras torcidas por um personagem em detrimento de outro.

### **Websérie “Eu só quero amar”**

A novela *Malhação*, que abordou a temática da Aids em 1997, é exibida pela Rede Globo desde 1995, sempre no horário vespertino. Voltada para adolescentes, as diferentes temporadas da novela exploram diferentes assuntos relevantes para esse público, como amizades, namoros, família, responsabilidades, sexo, entre outros. A novela é conhecida por ser o trabalho inicial de diversos atores hoje consagrados na Rede Globo. Em 2015, a novela voltou a abordar a Aids, apresentando o relacionamento amoroso entre dois adolescentes; Henrique<sup>14</sup>, um rapaz soropositivo, e Camila<sup>15</sup>, uma menina soronegativa. A história faz parte da temporada chamada de *Seu Lugar no Mundo*, que estreou em 17 de agosto de 2015 e que retrata a rotina dos estudantes do Colégio Leal Brazil, um dos melhores colégios públicos da cidade onde se passa a trama.

A soropositividade de Henrique foi relevada no capítulo que foi ao ar no dia 25 de dezembro de 2015. Na cena, os personagens Henrique e Luciana<sup>16</sup> batem uma cabeça contra a outra em um jogo de basquete e se machucam. O rapaz demonstra desespero ao ver a ferida na cabeça da jovem, orienta que ela procure ajuda médica imediatamente e decide revelar a ela que é soropositivo. A menina procura um local especializado no atendimento de Pessoas Vivendo com HIV/Aids e após recomendação médica inicia o tratamento com a PEP (Profilaxia Pós-Exposição), medicamentos voltados para evitar a contaminação pelo vírus HIV após a exposição do paciente ao mesmo.

A sequência de cenas foi duramente criticada por organizações e ativistas ligados à questão da Aids<sup>17</sup> que defenderam que a representação da situação foi desnecessariamente

---

<sup>14</sup> Interpretado pelo ator Thales Cavalcanti.

<sup>15</sup> Interpretada pela atriz Manuela Llerena.

<sup>16</sup> Interpretada pela atriz Marina Moschen.

<sup>17</sup> Disponível em: < [http://agenciaaids.com.br/home/noticias/noticia\\_detalle/24341](http://agenciaaids.com.br/home/noticias/noticia_detalle/24341) > Acesso em 10 de julho de 2016.

alarmante já que a possibilidade de contaminação pelo HIV após um choque entre cabeças é quase inexistente. Lucinha Araújo, mãe do cantor Cazuzo<sup>18</sup>, presidente da Sociedade Viva Cazuzo e reconhecida ativista das questões relacionadas à Aids, também veio a público criticar a abordagem<sup>19</sup>.

De fato, levando-se em consideração antigos mitos em relação à Aids a escolha do enfoque para abordar a doença não foi acertada. Sabe-se que inicialmente muitas pessoas acreditavam que era possível ser contaminado pelo vírus HIV por meio de abraços, apertos de mão, assentos de ônibus, piscinas, dentre outros. Muitos desses mitos permanecem ainda hoje. Representar como risco de contaminação um machucado simples durante uma atividade esportiva pode reacender um alarme que tem levado anos para ser desconstruído.

Após as críticas, as Organizações Globo em parceria com o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) desenvolveram uma websérie, chamada *Eu só quero amar*, com os mesmos personagens de *Malhação – Seu Lugar no mundo* com enfoque voltado para a Aids. A websérie aborda as dúvidas e as descobertas do relacionamento entre Henrique e Camila, casal sorodiscordante que também faz parte do enredo de *Malhação*. Além da consultoria da UNAIDS, *Eu só quero amar* também contou com a consultoria e participação de Gabriel Estrêla, ator, soropositivo e ativista da causa HIV/Aids.

### **Análise dos dados**

Com o objetivo de compreender como a mídia tem realizado o agendamento da Aids e todos os assuntos correlatos a ela nos dias atuais, esta pesquisa analisou os cinco capítulos da websérie *Eu só quero amar*, lançados entre os dias 2 e 30 de abril de 2016, aos sábados. Os episódios têm em média cinco minutos de duração e foram disponibilizados somente na internet, no Gshow, site de entretenimento da TV Globo.

O primeiro episódio tem início com a fala do personagem principal, Henrique, apresentando-se ao público (Figura 1). A apresentação deixa implícito que a soropositividade de Henrique é apenas um dos componentes de sua vida. Ele tem amigos, uma namorada, toca em uma banda. O fato de ser soropositivo, portanto, não é determinante de sua identidade.

---

<sup>18</sup> Cantor brasileiro soropositivo que faleceu em 1990.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2016/01/1725826-mae-de-cazuzo-critica-abordagem-da-aids-em-malhacao-desservico.shtml>>



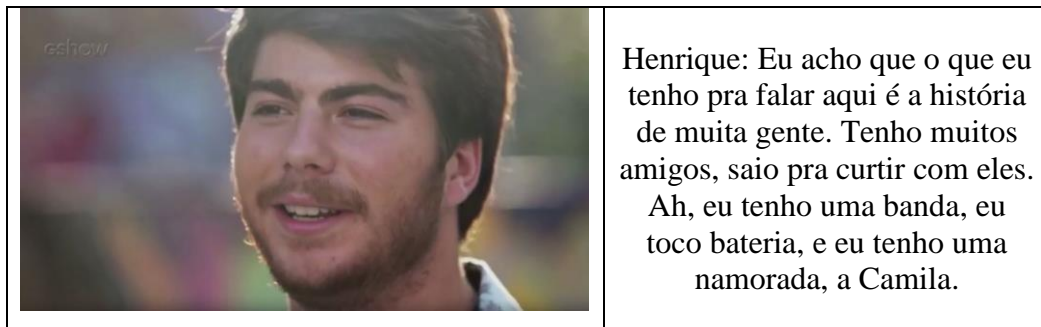


Figura 1 – Fala de Henrique no primeiro episódio de *Eu só quero amar*

Em seguida, Henrique e sua namorada Camila comentam com amigos que foram convidados para participar de um documentário na internet sobre casais sorodiferentes, quando uma das pessoas é soropositiva e a outra não é. Henrique explica que eles preferem o termo sorodiferente ao termo sorodiscordante, como normalmente é utilizado pela medicina. Segundo ele, “o amor não discorda”. Henrique segue contando aos amigos que o documentário é uma oportunidade de falar sobre relacionamentos sorodiferentes na mídia, onde “quase ninguém fala” sobre isso. A fala de Henrique pode ser interpretada como uma referência – ou um autoelogio – à novela *Malhação*, que pela segunda vez aborda o tema.

Na cena seguinte, outro personagem chamado de Marquinhos confronta o casal (Figura 2). O diálogo é uma forma de demonstrar o preconceito ainda existente na sociedade, enraizado inclusive entre jovens que não vivenciaram os primeiros anos da Aids no mundo, quando os mitos e os medos em relação à contaminação tomaram conta da sociedade. “O tipo de reação diante de alguém com AIDs é menos consequência da realidade externa e muito mais reflexo dos próprios valores, conflitos e preconceitos” (FERREIRA, 2003, p. 110). O uso da palavra aidético – atualmente considerada politicamente incorreta, pois remonta ao preconceito e à discriminação enfrentada pelas Pessoas Vivendo com HIV/Aids nos primeiros anos após a oficialização da doença – também compõe esse o sentido preconceituoso da fala.



Figura 2 – Fala de Marquinhos no primeiro episódio de *Eu só quero amar*



Camila responde Marquinhos explicando que Henrique não tem Aids, mas sim o vírus HIV e que as duas situações são diferentes uma da outra. Marquinhos argumenta que muitas pessoas podem ser incentivadas a praticarem sexo com pessoas soropositivas devido ao documentário do qual Henrique e Camila participariam. Camila responde: “E você já parou para pensar quantas pessoas foram infectadas por conta da falta de informação?”.

Em seguida são exibidos quadros informativos com informações sobre o vírus HIV e a diferença entre ser soropositivo e ter Aids. Os quadros servem como um reforço explicativo ao diálogo entre Marquinhos e Camila, com linguagem clara, objetiva e acessível. Os quadros são exibidos em cima de cenas de apoio – uma mão escrevendo em uma folha de papel –, com um fundo musical leve e jovial, e trazem as seguintes frases: 1) O HIV é um vírus que ataca a defesa do organismo; 2) Se ele não for controlado com tratamento adequado pode desenvolver a doença conhecida como AIDS.

O episódio é encerrado com trechos do documentário *Casais Sorodiferentes*, do qual Camila e Henrique participariam, uma estratégia de metalinguagem que torna a websérie mais atrativa e verosímil. No trecho, Camila fala sobre preconceito, sobre o medo de expor sua relação com Henrique e sobre suas dúvidas sobre o futuro da mesma. Como aponta Soares (2001), a Aids se caracterizou como uma doença moral antes mesmo de ser mortal, isto é, o medo que envolve a Aids não é apenas o medo da morte física, mas o medo da morte simbólica, do preconceito, da discriminação, da exclusão.

No segundo episódio, Luciana, que ficou ferida na cabeça após chocar-se contra Henrique durante um jogo de basquete, cena exibida na novela *Malhação*, acompanha Camila em uma consulta médica para se informar sobre o HIV e a Aids. Camila confessa para a médica que tem preocupações em relação à sua saúde devido ao fato de Henrique ser soropositivo (Figura 3). A médica explica, de forma clara e acessível, a importância do tratamento para a redução da carga viral e qual a probabilidade de transmissão do HIV neste cenário.

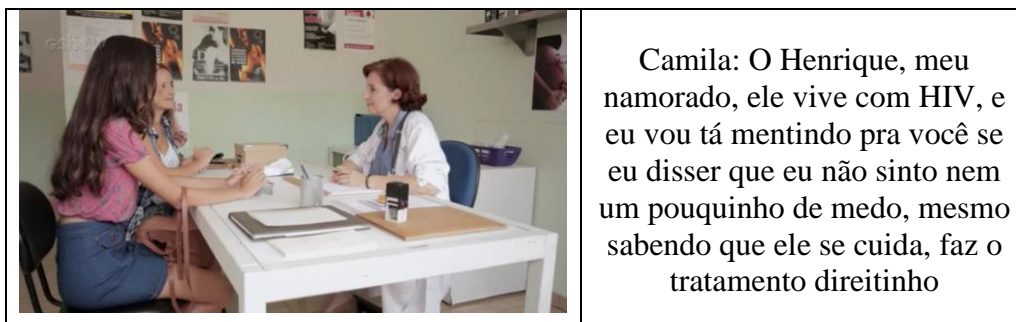


Figura 3 – Fala de Camila no segundo episódio de *Eu só quero amar*

O episódio se encerra mais uma vez com um trecho do documentário *Casais sorodiferentes*, desta vez com a participação de Gabriel Estrêla, ator, ativista da causa HIV/Aids e consultor da websérie, e de seu namorado. Gabriel fala sobre seu medo, enquanto soropositivo, de transmitir o vírus HIV em uma relação sexual, e seu namorado, Gabriel Martins fala sobre a importância do tratamento e da conscientização para uma relação sorodiferente saudável – tanto do ponto de vista biológico quanto psicológico.

O terceiro episódio tem início com a continuação da cena entre Camila, Luciana e a médica, iniciada no segundo episódio. A médica desmistifica as formas de transmissão do HIV e explica que o vírus não é transmitido por meio de beijos, abraços e carinhos. Esta explicação pode ser interpretada como uma forma da direção da novela se redimir após colocar o acidente entre Henrique e Luciana durante o jogo de basquete como uma forma de contaminação. Embora a possibilidade de contaminação em situações como essa exista, ela é mínima devido ao pouco tempo de contato entre o sangue de cada um e à baixa carga viral de Henrique, que afirmou estar em tratamento.

Em seguida, mais uma vez por cima de cenas de apoio – pessoas praticando atividades físicas –, surgem quadros explicativos sobre a distribuição gratuita de preservativos – chamados de camisinha na websérie, uma tentativa de adaptar a linguagem ao público-alvo –, e sobre a realização gratuita de testes e tratamento para o HIV/Aids.

Na cena seguinte, Marquinhos encontra Camila no corredor do colégio bebendo água no bebedouro e afirma que seria melhor que ele e os amigos comprassem água na cantina, pois ela pode ter contaminado a água do bebedouro com HIV. Neste momento, o diretor do colégio flagra a cena e ordena que Marquinhos peça desculpas a Camila e diz que não irá admitir esse tipo de preconceito no colégio. O diálogo pode ser interpretado como uma conscientização para que as pessoas reajam em situações de preconceito, tanto as que estão envolvidas diretamente no fato quanto aquelas que presenciarem o mesmo.

As doenças infecciosas associadas à culpa sexual sempre dão origem ao medo do contágio fácil e a fantasias absurdas sobre a transmissão por meios não venéreos em lugares públicos. Quando foi “descoberto” que a sífilis podia se transmitir através de meios “inocentes”, nas primeiras décadas do século XX, foram removidas, nos Estados Unidos, todas as maçanetas dos navios da marinha de guerra, e instaladas portas de vaivém, e desapareceram as canecas de metal que eram afixadas aos bebedouros públicos. E se várias gerações de crianças de classe média aprenderam a sempre forrar com papel os assentos das privadas nos banheiros públicos, isso é mais um resquício das histórias apavorantes sobre a transmissão da sífilis dos poluídos para os inocentes, histórias que já foram muito

difundidas e nas quais muita gente acredita até hoje. (SONTAG, 1989, p. 99)

No mesmo episódio, Camila e Luciana procuram um local que aparentemente seria um posto de saúde para buscar preservativos e a funcionária informa que sempre que quiserem podem voltar para buscar mais, gratuitamente. A cena seguinte mostra Henrique e Camila em um quarto e indica que eles teriam sua primeira relação sexual. O episódio encerra novamente com um trecho do documentário *Casais sorodiferentes* e mostra o depoimento de um casal não-fictício.

No quarto episódio, Camila comenta com Luciana sobre sua primeira vez – primeira relação sexual – com Henrique. Em sequência, o casal vai ao teatro assistir ao musical Boa Sorte, dirigido e protagonizado por Gabriel Estrêla, citado anteriormente. O episódio novamente se encerra com parte do documentário *Casais sorodiferentes* que traz o depoimento de um casal sorodiscordante, Ricardo Lori e Luana Fernandes. Ela conta que contraiu o vírus HIV de forma vertical, durante a gestação de sua mãe. Luana relata que teve medo da reação de Ricardo quando relevou ser soropositiva e fala que o casal enfrenta problemas comuns de qualquer casal (Figura 4). O depoimento reforça a mensagem que vem sendo transmitida ao longo da websérie, de que a soropositiva é apenas um componente da identidade de uma pessoa e de que, da mesma forma, é apenas um dos componentes de uma relação afetiva e sexual.



Figura 4 – Depoimento de Luana Fernandes durante quarto episódio de *Eu só quero amar*

O quinto e último episódio da websérie traz a continuação da cena em que Camila e Henrique estão no teatro para assistir o musical Boa Sorte. Agora, eles conversam com Gabriel Estrêla, diretor e protagonista do espetáculo. Henrique conta que nasceu com o vírus HIV e Gabriel explica como é possível evitar a transmissão vertical. O ativista fala ainda sobre a importância de se fazer o teste para descobrir a presença do HIV no organismo.

Assim como nos episódios anteriores, este é encerrado com mais um trecho do documentário *Casais sorodiferentes*, novamente com os casais Gabriel Estrêla e Gabriel Martins; Ricardo Lori e Luana Fernandes; Camila e Henrique. Eles falam sobre a importância de se falar sobre HIV na mídia, no ambiente familiar e nas escolas (Figura 5). Pode-se interpretar essa cena como mais um pedido de desculpas da novela em relação à forma como a temática foi abordada inicialmente, de forma alarmante e exagerada, com pouca consideração sobre a privacidade das pessoas que vivem com HIV/Aids e sobre a afetividade em relações de amizade e de amor.

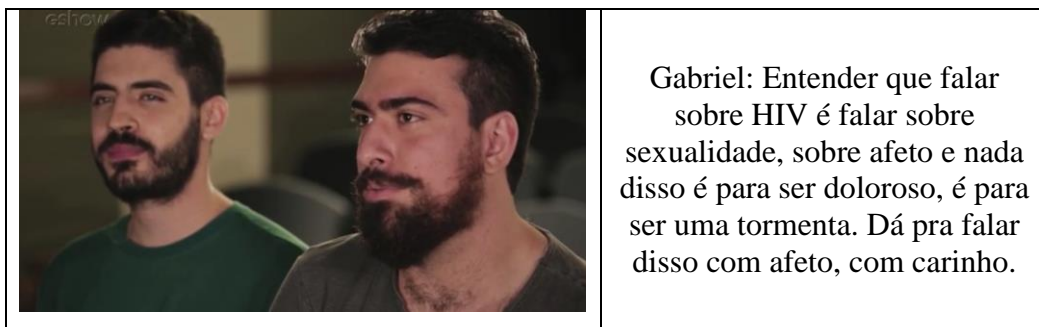


Figura 5 – Depoimento de Gabriel Estrêla durante quinto episódio de *Eu só quero amar*

Em outro trecho do documentário, Camila reforça que no início teve medo em relação à soropositividade de Henrique, mas se tranquilizou após se informar sobre o assunto (Figura 6). O episódio, assim como a websérie, é encerrado com Camila e Henrique segurando plaquinhas com os dizeres em forma de *hashtags*: #zerodiscriminação.

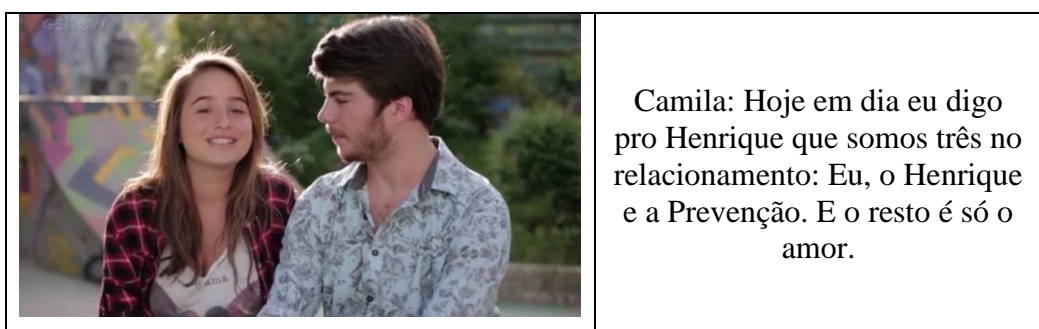


Figura 6 – Depoimento de Camila durante quinto episódio de *Eu só quero amar*

## Conclusão

É notória a capacidade da mídia – e não apenas da imprensa – de agendar assuntos e temáticas junto à sociedade. Ainda que nem tudo o que é pautado pela mídia se torne tema

de debate social, é inegável que alguma forma de agendamento é realizada cotidianamente, mesmo com interferências dos contextos nos quais as pessoas que ocupam o papel de receptor naquele momento estão inseridas.

Produtos midiáticos como telenovelas, filmes e programas de entretenimento também levantam temáticas que podem ser discutidas pela sociedade. Frequentemente são noticiados impactos das temáticas de telenovelas na vida social, por exemplo, o aumento da doação de plaquetas após a personagem de uma novela estar com leucemia, aumento da discussão sobre a Síndrome de Down após a abordagem de temática em outra novela ou aumento da conscientização sobre crianças desaparecidas também após exibição de casos semelhantes em novelas.

Pode-se afirmar que a Aids é uma doença midiática já que tem sido noticiada e traduzida pela mídia desde o surgimento dos primeiros casos, mesmo quando a comunidade científica ainda não havia descoberto seu agente causador tampouco nomeado a doença. Desta forma, a mídia tem atuado ao longo destas mais de três décadas tanto na divulgação quanto na conscientização em relação à Aids. É fato que a mídia também contribuiu decisivamente para a difusão de preconceitos contra as pessoas que vivem com HIV/Aids, entretanto, não se pode negar a contribuição positiva da mesma para desmistificar a doença, desconstruir mitos e informar a população.

Como a cura para a doença ainda não foi descoberta, cada nova geração precisa ser informada sobre a realidade da Aids, uma doença grave, que deve ser evitada, mas que não precisa ser desumanizadora, que não deve necessariamente ser acompanhada de preconceito e discriminação. A novela *Malhação* tem contribuído para este trabalho de conscientização, como foi analisado neste trabalho. A capacidade de adaptação da linguagem técnica médica ao público-alvo da produção, os adolescentes, e a utilização das novas mídias para a atração do público – uma série veiculada somente na internet, mas que tem os mesmos personagens e enredos da novela – são estratégias importantes para se conscientizar as novas gerações.

Assim como defende a hipótese do *agenda setting*, os efeitos das mensagens difundidas pela mídia só podem ser medidos a longo prazo. Por se tratar de uma websérie recente, talvez não seja possível ainda compreender seus efeitos na vida social, por exemplo, com o aumento do número de testes de HIV entre jovens brasileiros ou o aumento por procura de preservativos gratuitos por este público. Mas o número de curtidas da

postagem<sup>20</sup> que anuncia a estreia da websérie na página de *Malhação* no Facebook – 8,6 mil até o dia 10 de julho de 2016 – indica que um número significativo de jovens foi alcançado pelas mensagens de conscientização.

A Aids deixou de ser uma doença assustadora, com morte iminente para seus pacientes. Hoje, vive-se anos, décadas com a doença, desde que se siga o tratamento adequado. Ao mesmo tempo, a Aids ainda é uma doença grave, que continua contaminando milhares de pessoas todos os anos em todo o mundo. Trabalhar na conscientização acerca da doença é, portanto, um trabalho delicado, que exige estratégias corretas, mas que também demanda sensibilidade, especialmente em relação àquelas que vivem com HIV/Aids.

### Referências

ARAÚJO, Carlos Alberto. **A pesquisa norte-americana**. In: HOHFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. p. 119-130.

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação & Mídia Impressa: Estudos sobre a AIDS**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FERREIRA, Cláudio Vital de Lima. **Aids e exclusão social: Um estudo clínico com pacientes com o HIV**. São Paulo: Lemos Editorial; Uberlândia, MG, 2003.

SOARES, Rosana de Lima. **Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem**. São Paulo: Annablume, 2001.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Rubens Figueiredo/Paulo Henrique Britto.

TARDELLI, Roseli. **O valor da vida: 10 anos da Agência Aids**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

---

<sup>20</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/malhacao/photos/a.406326246048394.114593.167770989903922/1367722243242118/?type=3&theater>> Acesso em 10 de julho de 2016.